



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS**

JOSEANE GOMES DA SILVA MELO

**O USO DAS TICs NAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS NO ENSINO DA
LIBRAS COMO L1 PARA ALUNOS SURDOS**

**PATOS - PB
2021**

JOSEANE GOMES DA SILVA MELO

**O USO DAS TICs NAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS NO ENSINO DA
LIBRAS COMO L1 PARA ALUNOS SURDOS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientador: Prof. Esp. Edcarlos Paz de Lucena

**PATOS - PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

M528u Melo, Joseane Gomes da Silva

O uso das TICs nas salas de recursos multifuncionais no ensino da libras como L1 para alunos surdos/ Joseane Gomes da Silva Melo. - Patos, 2021.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.

Orientador: Prof. Esp. Edcarlos Paz de Lucena

1. TICs 2. Sala de recursos multifuncionais 3. Ensino de Libras 4. Aluno surdo I. Título.

CDU – 376

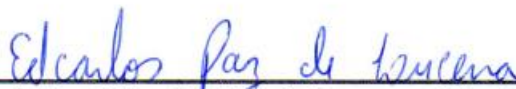
JOSEANE GOMES DA SILVA MELO

**O USO DAS TICs NAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS NO ENSINO DA
LIBRAS COMO L1 PARA ALUNOS SURDOS**

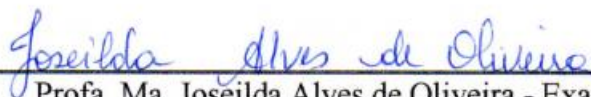
Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

APROVADO EM: 17/032021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Edcarlos Páz de Lucena - Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Ma. Joseilda Alves de Oliveira - Examinadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Ma. Adriana Moreira de Souza Corrêa- Examinadora
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o uso das TICs pelo professor de Libras com o uso das TICs no ensino da Libras como L1 para o aluno surdo na Sala de Recursos Multifuncionais. A metodologia adotada para a elaboração desse trabalho deu-se por meio de uma revisão bibliográfica a partir dos teóricos que discutem sobre o tema nas diferentes perspectivas, como: Damázio (2007), Penteado-Silva (1997), Pereira (2008), Ropoli (2010). A busca de respostas para tais questionamentos como: como a formação do professor de Libras contribui para o uso das TICs no processo metodológico com o aluno surdo atendido na Sala de Recursos Multifuncionais? Qual a relevância dos recursos tecnológicos na aprendizagem dos alunos surdos? Os resultados apontam que o atendimento educacional especializado na sua política social, garante o atendimento da Libras como L1 no processo de ensino, portanto, a formação do professor de Libras é de grande relevância no processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor possuir habilidade e competência para o uso das tecnologias de informação e comunicação na sua prática pedagógica, garantindo uma aprendizagem significativa por meio da motivação, conhecimento e habilidade comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: TICs. Sala de Recursos Multifuncionais. Ensino de Libras. Aluno Surdo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
2.1	A NATUREZA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS.....	08
2.2	O ENSINO DA LIBRAS – L1 COM O ALUNO SURDO.....	10
2.3	A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS.....	13
2.4	A SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO.....	14
2.5	O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM O ALUNO SURDO.....	16
2.6	AS TICS NO PROCESSO DE ENSINO DA LIBRAS COMO L1 PARA ALUNOS SURDOS.....	18
3	METODOLOGIA.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão presentes em nosso meio social e, a cada dia, torna-se possível perceber que mais e mais pessoas, dos diversos setores da sociedade, têm acesso a elas, das mais variadas formas. Com isso, compreendemos que, na educação, essas tecnologias podem contribuir, positivamente, tanto para o professor, poderá inserir no planejamento e adotar na prática de ensino, quanto para o aluno, que pode construir sua aprendizagem de maneira mais dinâmica e atrativa.

O presente artigo é construído a partir das seguintes questões norteadoras: como a formação do professor de Libras contribui para o uso das TICs no processo metodológico com o aluno surdo atendido na Sala de Recursos Multifuncionais? Qual a relevância dos recursos tecnológicos na aprendizagem dos alunos surdos? Assim, buscando responder às questões norteadoras, foram selecionados autores como: Damázio (2007), Penteado-Silva (1997), Pereira (2008) e Ropoli (2010), que discutem o teor do trabalho para o enriquecimento da abordagem em destaque, além de, uma seleção de trabalhos que deram aporte na construção do contexto desse artigo.

Desse modo, esta pesquisa se justifica pela necessidade de uma investigação a respeito das práticas pedagógicas do professor de Libras, com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem com os alunos surdos na Sala de Recursos Multifuncionais.

O objetivo principal dessa pesquisa é refletir sobre as metodologias adotadas pelo professor de Libras com o uso das TICs no ensino em Libras como L1 para o surdo na Sala de Recursos Multifuncionais. Complementado pelos objetivos específicos de: a) identificar os recursos tecnológicos utilizados pelo professor de Libras, para o ensino dessa língua de sinais como L1 no atendimento educacional especializado ao aluno surdo; b) Descrever os procedimentos metodológicos adotados pelo professor de Libras, no ensino da língua de sinais como L1, trabalhados com o aluno surdo, na sala de recursos multifuncionais.

A metodologia adotada nesta pesquisa se caracteriza como uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, a qual utilizou-se de trabalhos já publicados como livros, artigos, dissertações, teses, revistas, dentre outros, com o intuito de refletir sobre a formação do professor de Libras com o uso das TICs no ensino da Libras como L1 para o aluno surdo na Sala de Recursos Multifuncionais.

Por fim, para uma melhor visualização, este artigo está estruturado da seguinte forma: na fundamentação teórica será abordada a descrição e caracterização da Sala de Recursos Multifuncionais, conceitos referentes à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a relevância do atendimento educacional especializado para o aluno com surdez, bem como, a importância da formação do Professor de Libras e o uso das TICs no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo. Em seguida, será apresentada a metodologia adotada na pesquisa e no próximo tópico os resultados e discussão do trabalho. Por fim, serão feitas as considerações finais alcançadas no processo da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A NATUREZA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Em sua construção histórica e sistemática, segundo Strobel (2009), a língua brasileira de sinais originou-se por meio do contato e da mistura entre a Língua de Sinais Francesa (LSF) e os sistemas de comunicação já convencionados e utilizados pelos surdos de várias regiões do Brasil. Ainda com base na autora, esse contato com a LSF se deu por intermédio do professor surdo, francês, E. Huet que, em 1855, chegou ao Brasil, a convite do Imperador D. Pedro II, com o objetivo de fundar a primeira escola para surdos no país. O que foi concretizado, em 1857, com a criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, conhecido atualmente como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (STROBEL, 2009).

No entanto, apesar desse primeiro passo para educação de surdo, dado pela fundação do INES, em 1857, consideramos importante mencionar que só anos depois, em 2002, a Libras foi reconhecida como a língua oficial das pessoas surdas no Brasil, por meio da Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002, sendo esta mesma lei regulamentada três anos mais tarde pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2002, 2005).

De acordo com o Art. 1º da Lei 10.436/2002 a Libras “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão” (BRASIL, 2002). Resultando que a Libras na sua especificidade é compreendida como um “sistema linguístico de natureza visual-motora com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

Após a aprovação da lei da Libras no ano de 2002, é possível perceber, com base em Pereira et al. (2011) que, conseqüentemente, os estudos e diálogos a respeito dessa língua foram se fortalecendo, juntamente com os movimentos e reivindicações da comunidade surda

brasileira, o que tem sido fundamental para grandes conquistas do povo surdo. A exemplo delas estão “[...] o reconhecimento da Libras, o direito a tradutores e intérpretes da língua brasileira de sinais–língua portuguesa e a uma educação bilíngue para crianças surdas, que contemple a Libras e o português, este na modalidade escrita, [...]” (PEREIRA, et al., 2011, p. 33).

Em relação ao povo surdo, segundo o Decreto 5.626/2005, “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005).

A Libras e a língua portuguesa na sua estruturação linguística possuem: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, o que as diferenciam são as formas de expressão, sendo a Libras (sinalizada) e a língua portuguesa (oralizada), para tanto, os alunos poderão atingir aos objetivos da aprendizagem de forma caracterizada por cada uma dessas línguas.

Para Nunes (2019, p. 31), “as línguas de sinais, assim como as línguas orais, possuem uma estrutura que permite a expressão de qualquer conceito, seja concreto ou abstrato, o que distingue essas línguas são seus canais de comunicação”. Assim as duas línguas se empoderam na sua estruturação, porém, as diferenças estão resultadas na transmissão de informações entre elas, visual-espacial (Libras) e oral-auditiva (língua portuguesa).

Desse modo, podemos compreender que a Língua Brasileira de Sinais é diferenciada da Língua Portuguesa por ser uma língua de modalidade visual-espacial, com estrutura e gramática própria, em que, segundo Quadros (2019), são utilizados parâmetros fonológicos como as Configurações de Mãos (CM), os Pontos de Articulações (PA), os Movimentos (MO), a Orientação da Palma (OR) e as Expressões Não Manuais (ENM), os quais, combinados entre si, formam os sinais. Já a Língua Portuguesa, ainda conforme a autora, é um sistema linguístico de modalidade oral-auditiva, em que se utiliza do canal fonoarticulatório¹

De acordo com Quadros (2019), a Libras conta com cinco parâmetros fonológicos que constituem os sinais. Para Coutinho (2015, p. 21), esses parâmetros “são um conjunto de ações necessárias para que cada sinal seja realizado de forma adequada”. Nessa perspectiva, podemos compreender que os sinais na Libras estão muito além de serem simples gestos combinados aleatoriamente, mas ao contrário disto, podemos observar, com bases nas autoras, que a constituição de um único sinal pode apresentar uma complexidade em sua formação, embora muitas vezes, parece simples à primeira vista.

¹ Conjunto de órgãos (língua, boca, bochecha, etc.) que permitem a emissão de som e pronúncia das palavras.

Em relação aos parâmetros fonológicos, Coutinho (2015) aponta as Configurações de Mãos (CM) como sendo o primeiro deles. Para a autora, as CMs são as formas que as mãos assumem ao iniciarmos a realização de cada sinal e, algumas delas, podem sofrer modificações à medida que um determinado sinal vai realizando. Segundo Quadros (2019), o conjunto de configurações de mãos na Libras é, conforme estudo elaborado pelo grupo de pesquisa do curso de Libras do INES e apresentado pela autora, até o momento, composto por 79 CMs que podem representar desde o alfabeto datilológico² às configurações genuínas³.

O segundo parâmetro é o ponto de articulação, “onde o sinal será realizado, podendo ser no próprio corpo do sinalizador ou no espaço neutro” (RODRIGUES; VALENTE, 2010, p. 55). Há ainda o espaço neutro, o sinal é realizado frente ao corpo do sinalizador, entre a cabeça ao quadril onde o sinal não tocará no corpo.

O terceiro parâmetro é o movimento “há inúmeros tipos de movimento” (RODRIGUES; VALENTE, 2010, p. 55), são eles: “semicircular, retilíneo, sinuoso, helicoidal, circular, angular” (RODRIGUES; VALENTE, 2010, p. 61). O quarto parâmetro é a orientação da palma da mão durante a sinalização, “ela pode estar voltada para cima, para baixo ou para o corpo de quem sinaliza, para fora, para esquerda e para direita” (RODRIGUES; VALENTE, 2010, p. 55)

O quinto e último parâmetro é a expressão facial “que acompanha o sinal” (RODRIGUES; VALENTE, 2010, p. 55) e corporal, ambos têm um papel de bastante relevante na Libras por ter um valor afetivo e gramatical.

2.2 O ENSINO DA LIBRAS – L1 COM O ALUNO SURDO

É importante salientar que, “o professor com surdez, para o ensino de Libras oferece aos alunos com surdez melhores possibilidades do que o professor ouvinte porque o contato com crianças e jovens com surdez com adultos com surdez favorece a aquisição dessa língua” (DAMÁZIO, 2007, p. 38)

O ensino da Libras ao aluno surdo no atendimento educacional especializado oportunizará o contato com a sua língua materna, conhecer a estrutura gramatical e como se dá a comunicação visual, e ainda, “o uso de Libras, ensina e enriquece os conteúdos

² Configurações de mãos que representam as letras do alfabeto em língua portuguesa (Alfabeto manual).

³ Configurações de mão que não pertencem ao alfabeto datilológico e apresentam uma função específica para a realização de um determinado sinal.

curriculares promovendo a aprendizagem dos alunos com surdez na turma comum” (DAMÁZIO, 2007, p. 37).

Nesse sentido, o professor de Libras que atua no AEE na sua prática de ensino ao lidar com os alunos surdos em diferentes faixas etárias, grau de ensino, precisa “identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos de forma a construir um plano de atuação para eliminá-las” (MEC, SEESP, 2009), visto que, é nessa perspectiva que a prática de trabalho consegue desenvolver e potencializar as capacidades do sujeito.

Onde há matriculado um aluno surdo no educandário, há a necessidade de ter um professor de Libras que, realiza o atendimento educacional especializado “reconhecer as necessidades e habilidades do aluno. Ao identificar certas necessidades do aluno, o professor de AEE reconhece também as suas habilidades e, a partir de ambas, traça o seu plano de atendimento” (ROPOLI, 2010, p. 24).

Com isso, o professor da Língua de Sinais ao ter contato com o aluno surdo poderá ter a oportunidade de realizar uma triagem para analisar o grau de conhecimento acerca da língua e assim, complementar a aprendizagem do aluno por meio de estratégias inclusivas durante o atendimento educacional especializado.

Segundo Damázio (2007, p. 37), “o ambiente educacional bilíngue é importante e indispensável, já que respeita a estrutura da Libras e da Língua Portuguesa”. Para a autora, o ensino da Libras no atendimento educacional especializado deverá ser desenvolvido com o aluno surdo, buscando respeitar as peculiaridades da língua de sinais, respeitando as regras que constitui a língua.

Ainda durante o ensino da Libras no AEE, “o professor que ministra aulas em Libras deve ser qualificado para realizar o atendimento das exigências básicas do ensino por meio da Libras” (DAMÁZIO, 2007, p. 37). É importante mencionar que, o professor de Libras na sua prática pedagógica deverá analisar qual estratégia de ensino deverá ser adotada pra o ensino da Libras como L1 ou o ensino da língua portuguesa como L2, portanto, o docente evitar a prática do bimodalismo, ou seja, não “misturar a Libras e a Língua Portuguesa que são duas línguas de estruturas diferentes” (p. 37).

Portanto, no atendimento especializado a pessoa com surdez, o professor de Libras planeja todo o traçado metodológico das atividades de ensino da língua de sinais a partir dos elementos que a constitui e possa enriquecer no processo de aprendizagem. De acordo com

Damázio (2007, p. 38), nesse processo “a qualidade dos recursos visuais é primordial para facilitar a compreensão do conteúdo curricular em Libras”.

Em relação ao profissional que deve atuar no ensino da Língua Brasileira de Sinais na sala de recursos multifuncionais, destaca-se que:

O momento do atendimento educacional especializado para o ensino da Libras deverá ser realizado pelo professor e/ ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da língua de sinais em que o aluno se encontra. (DAMÁZIO, 2007, p. 25)

Durante o atendimento educacional especializado, para o ensino da Libras o professor/ instrutor de Libras na sua prática pedagógica deverá realizar um diagnóstico sobre o nível de conhecimento do aluno, por meio de uma sondagem aplicada por meio de atividades que possa contribuir no seu planejamento pedagógico, buscando alinhar as informações obtidas por meio da aplicação desses instrumentos nas práticas pedagógicas, com o desenvolvimento de estágio de domínio da língua de sinais, possibilitando ao professor correlacionar os conteúdos desenvolvidos na sala de aula com o que será aplicado no atendimento especializado, pois:

O atendimento educacional especializado em Libras fornece a base conceitual dessa língua e do conteúdo curricular estudado na sala de aula comum, o que favorece ao aluno com surdez a compreensão do conteúdo. Nesse atendimento há explicações das ideias essenciais estudadas em sala de aula comum. (DAMÁZIO, 2007, p. 29)

Além da base de conhecimento dos conteúdos curriculares das diferentes disciplinas desenvolvidas durante as aulas, o AEE também busca no ensino da Libras “desenvolver a competência gramatical ou linguística, bem como textual, nas pessoas com surdez, para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas” (DAMÁZIO, 2007, p. 38).

Para o ensino da Libras no AEE, o professor organiza uma sequência didática implicando o uso “de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado da Língua de Sinais” (DAMÁZIO, 2007, p. 35). Nesse processo, a exploração de atividades visuais, vídeos em Libras, textos adaptados, produção de dicionário manual em Libras, o uso dos recursos tecnológicos, a utilização dos *softwares* são mecanismos que podem ser trabalhados dentro do espaço escolar.

No AEE em Libras que o professor contribuirá de forma significativa no processo de aprendizagem do aluno surdo, com isso, o professor de Libras estimula o aluno surdo a desenvolver a sua participação, pois os mesmos, “fazem perguntas, analisam, criticam, fazem

analogias, associações diversas entre o que sabem e os novos conhecimentos em estudo” (DAMÁZIO, 2007, p. 31).

Para o enriquecimento e a difusão do ensino da Libras para o aluno surdo, o professor de Libras deverá durante o atendimento educacional especializado registrar “o desenvolvimento que cada aluno apresenta, além da relação de todos os conceitos estudados, organizando a representação deles em forma de desenhos e gravuras, que ficam no caderno de registro do aluno” (DAMÁZIO, 2007, p. 31). A produção desse material poderá servir, além da construção do conhecimento para o aluno surdo, como um instrumento de consulta, revisão de estudo, aprimoramento e aprendizagem.

2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS

A formação do professor para atuar no campo educacional é de grande valia, pois, uma boa formação desencadeará reflexos no processo de ensino, bem como, refletirá na evolução da aprendizagem do aluno. O planejamento, os recursos e as estratégias de ensino garantirá uma educação de qualidade bem como uma boa formação do aluno.

A formação do professor para atuar na Sala de Recursos Multifuncionais e desenvolver o Atendimento Educacional Especializado, é importante que, “os professores devem ter formação específica para este exercício, que atenda aos objetivos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Nos cursos de formação continuada, de aperfeiçoamento ou de especialização, [...]” (ROPOLI, 2010, p. 28)

Compreendemos que o professor de Libras é um dos componentes que integram o apoio e o serviço no atendimento educacional especializado as pessoas com surdez, com isso, é importante ressaltar que o êxito pedagógico depende muito da formação deste profissional que deve estar preparado para ministrar “o ensino em Libras e o ensino da Libras, bem como, o ensino da Língua Portuguesa escrita como segunda língua” (DAMÁZIO, 2007, p. 37-38).

Neste sentido, com base no decreto 5.626/2005, entendemos ser de extrema importância que o profissional, para o ensino da Libras, tenha formação superior em Letras com habilitação em Língua brasileira de sinais ou em curso de pedagogia para o ensino da Libras nos anos iniciais do ensino fundamental, conforme apontado nos seguintes artigos do decreto 5.626/2005:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe. (BRASIL, 2005)

Contudo, apesar da formação do professor de Libras, em nível superior, está previsto no decreto 5.626/2005, conforme os artigos apresentados, esse mesmo documento, também admite em seu Art. 5, parágrafo 1º, a “formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no **caput**.” (BRASIL, 2005).

Portanto, embora o Decreto 5.626/ 2005 regulamente e fomenta a formação do professor de Libras e o perfil mínimo para atuação desse profissional, compreendemos ser, imprescindível, que a formação do futuro professor se dê em nível superior, afim de que, esse profissional esteja melhor preparado para atender as demandas educacionais de seus alunos.

2.4 A SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

A Sala de Recursos Multifuncionais - SRM é um espaço educacional acessível, dotado de materiais tecnológicos adaptados, jogos específicos para atender alunos com deficiência, na qual é proporcionado o Atendimento Educacional Especializado – AEE. Na sua caracterização estrutural e pedagógica a SRM é compreendida como “[...] um espaço organizado com equipamentos de informática, ajudas técnicas, materiais pedagógicos e mobiliários adaptados, para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos” (BRASIL, 2007, p.1).

Vale salientar que, “o programa de implantação de salas de recursos multifuncionais foi instituído pelo MEC/SEESP, por meio da Portaria Ministerial nº 13/2007, que integra o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE” (MEC, 2010, p. 9), obedecendo aos critérios de adesão ao programa.

No Decreto Federal nº 6.711/2011 (BRASIL, 2011a), a SRM, mediante a sua política de implementação nas escolas, objetivando incluir o público alvo da educação especial, é definida como “[...] ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do Atendimento Educacional Especializado.” (BRASIL, 2011a).

Para tanto, os recursos pedagógicos que integram a SRM visam contribuir no processo de aprendizagem do aluno de forma flexível, como também, torna acessível o acesso as informações, o que minimiza as barreiras enfrentadas pelos alunos surdos.

A SRM busca incluir o aluno com deficiência para possa ingressar, ter acesso aos recursos e ao ensino acessível, garantindo a sua permanência na escola através de:

“[...] equipamentos, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos que auxiliam na promoção da escolarização, eliminando barreiras que impedem a plena participação dos alunos públicos-alvo da Educação Especial”, “[...] com autonomia e independência, no ambiente educacional e social” (BRASIL, 2011b).

A SRM tem uma grande responsabilidade na educação dos surdos, pois é neste ambiente que o professor de Libras, o professor da sala regular juntamente com a direção escolar e a equipe pedagógica, possa integrar na construção do conhecimento a “iniciar-se com a definição do conteúdo curricular, o que implica que os professores pesquisem sobre o assunto a ser ensinado”. (DAMÁZIO, 2007, p. 26)

O serviço de atendimento ao aluno com deficiência que é desenvolvido na SRM se caracteriza como de cunho pedagógico é ministrado por uma equipe de professores sendo: o professor da educação especial, professor/ instrutor de Libras, professor de Braille. Para o aluno com surdez que recebe o atendimento oferecido na sala de recursos multifuncionais “este atendimento constitui um dos momentos didático-pedagógicos para os alunos com surdez incluídos na escola comum” (DAMÁZIO, 2007, p. 26).

Com relação à organização didática e pedagógica na SRM no atendimento educacional especializado para o aluno com surdez, Damázio (2007, p. 26) afirma que, “a organização didática desse espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado dos conteúdos curriculares em estudo, na sala de aula comum”. Ou seja, o uso de materiais com ilustração é um mecanismo que possibilitará o desenvolvimento do aluno no seu processo de aprendizagem na SRM, cabendo ao professor, planejar e desenvolver práticas inclusivas no contexto escolar que atenda as necessidades de aprendizagem do aluno.

Na SRM o atendimento educacional especializado para o aluno surdo busca complementar a aprendizagem por meio do uso dos recursos e materiais pedagógicos com a finalidade de desenvolver seus conhecimentos, habilidades e competências. Tais habilidades como: alfabetização e letramento na sua língua materna, aquisição dos conhecimentos acerca da Libras, acessibilidade a vídeos literários, documentários e a construção de histórias em Libras.

Ainda na SRM, o atendimento educacional especializado para alunos surdos “[...] deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngue, ou seja, em um espaço em que se utilize a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa” (DAMÁZIO, 2007, p. 25).

Na SRM o atendimento ocorre em três momentos importantes com o aluno surdo, sendo: “Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras [...]; Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras [...]; Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa, [...]” (DAMÁZIO, 2007, p. 25). Esses momentos contribuem de forma significativa no processo de aprendizagem e aquisição da língua para o aluno surdo.

2.5 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM O ALUNO SURDO

De acordo com o Decreto nº 7.611/2011, o atendimento educacional especializado contempla em seus aspectos um suporte complementar e/ ou suplementar as pessoas com deficiência, especificamente para os alunos com surdez “ofertando os serviços de apoio especializado com o objetivo de eliminar as barreiras de acesso e permanência dos estudantes com deficiência na escola” (BRASIL, 2011, p.10). Com isso, o aluno com surdez é, também, público alvo deste serviço no qual é desenvolvido o ensino da Libras, o ensino em Libras e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua.

É importante mencionar que, “o planejamento do Atendimento Educacional Especializado é elaborado e desenvolvido conjuntamente pelos professores que ministram aulas em Libras, professor de classe comum e professor de Língua Portuguesa para pessoas com surdez”. (DAMÁZIO, 2007, p. 26). Sendo assim, um fortalecimento no processo de ensino e aprendizagem, além de, garantir um ensino de qualidade que possa complementar a aprendizagem dos alunos surdos.

Com isso, para fins de organização didática e pedagógica neste espaço de ensino, devem ser exploradas textos imagéticos que possam contribuir com a aprendizagem do aluno

surdo. Com a ausência desta organização e de uma estrutura adequada, não haverá condições mínimas para que o aluno possa desenvolver a sua aprendizagem de forma plena. (DAMÁZIO, 2007, p. 35)

Para Damázio (2007, p. 26), na escola inclusiva o atendimento educacional especializado em Libras é ideal que “haja professores que realizem esse atendimento, sendo que os profissionais precisam ser formados para e ter pleno domínio da Língua de Sinais”. Para a realização desse trabalho, a fluência na língua de sinais é um fator bastante relevante que o professor deverá apresentar quando ministra os conteúdos para o aluno surdo, independentemente da sua faixa etária, grau de ensino, pois, “o professor em Língua de Sinais, ministra aula utilizando a Língua de Sinais nas diferentes modalidades, etapas e níveis de ensino como meio de comunicação e interlocução” (DAMÁZIO, 2007, p. 26).

Portanto, para que haja um atendimento adequado para o aluno surdo que possa atender as necessidades educacionais, a prática do professor é um requisito no processo de ensino:

O trabalho pedagógico com os alunos com surdez nas escolas comuns deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngue, em um espaço em que se utilize a língua de sinais e a língua portuguesa em um período adicional no atendimento educacional especializado. (DAMÁZIO, 2007, p. 25)

De acordo com a autora, a metodologia de ensino a ser adotada para trabalhar com o aluno surdo e deverá estar alinhada a duas línguas no ambiente escolar, sendo elas a Libras como L1 e a língua portuguesa como L2 na modalidade escrita, tornando-se um espaço educacional de aprendizagem e comunicativo, ampliando-se a difusão das características das línguas.

Com isso é importante que o professor de Libras que integra o atendimento educacional especializado, o professor de língua portuguesa da sala regular e demais professores estejam em sintonia pedagógica, pois, o planejamento em Libras “é feito pelo professor especializado, juntamente com os professores de turma comum e os professores de Língua Portuguesa, pois o conteúdo deste trabalho é semelhante ao desenvolvido na sala de aula comum” (DAMÁZIO, 2007, p. 27).

Conforme a autora, a inclusão do aluno surdo na escola deverá iniciar nas séries iniciais, ensino fundamental e médio, com aparatos que possa contribuir no seu desenvolvimento, perpassando a todos os níveis de ensino, garantindo uma educação e

aprendizagem de qualidade, preparando-o para a vida acadêmica que o formará para o mundo do trabalho.

Portanto, todos os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem do aluno surdo são importantes, onde cada um com sua especificidade pedagógica contribuirá com o desenvolvimento do conhecimento do discente.

2.6 AS TICs NO PROCESSO DE ENSINO DA LIBRAS COMO L1 PARA ALUNOS SURDOS

De acordo com Kohn e Moraes (2007, p. 5), na “era digital como transita a nossa sociedade atual, a escola deverá acompanhar esse processo revolucionário na busca pela integração do aluno com o uso das tecnologias”. Com isso, potencializará na difusão das tecnologias interrelacionados aos conteúdos, como um meio de comunicação e informação instrumentalizado pela informática e pela internet que poderá ser aplicado na escola, para que o aluno possa desenvolver a sua aprendizagem e o seu senso crítico.

As tecnologias presentes na educação apresentam uma revolução docente, em que apresenta para os professores a necessidade de se adaptar as novas tendências tecnológicas para serem utilizadas na prática pedagógica “o desafio de optar entre uma educação reestruturada para promover a democracia e as necessidades humanas e uma educação transformada primariamente para servir às necessidades do comércio e da economia global” (KELLNER, 2001, p. 39).

Para atuação no AEE, “o professor deve ter formação em educação especial que o habilite para o exercício da docência e formação específica” (MEC, 2010, p. 72). Com isso, caberá ao professor de Libras, dentre suas atribuições, “[...] ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação” (p. 72), “[...] visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares” (p. 72).

Além disso, o professor no seu ofício profissional precisa “ensinar e usar os recursos de tecnologia assistiva, tais como: as tecnologias da informação e comunicação..., os códigos e linguagens [...] (MEC/ SEESP, 2009). Ainda de acordo com o MEC, o docente de Libras utilizar estes recursos no seu processo de ensino e contribuir na aprendizagem do aluno surdo.

Segundo Fernandes (2010), “o computador, com seus inúmeros *softwares*, pode ser uma ferramenta muito importante no processo de construção do conhecimento, auxiliando o aluno no conteúdo de uma ou mais disciplinas”. Sendo assim, configura-se como um instrumento que pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem, porém, o professor com habilidade em utilizar este equipamento estimulará o aluno surdo a utilizar de forma coerente para que contribua na sua aprendizagem.

Com base em Valente (1991), as TICs podem ser utilizadas como recursos pedagógicos podem atender os objetivos e as necessidades educacionais de alunos surdos, como meio de avaliar a capacidade intelectual destes alunos, e como meio de comunicação, tornando possível, uma prática que resultará em benefícios de aprendizagem.

De acordo com Miranda, Mourão e Gediél (2017, p. 29), “a criação de conteúdos didáticos acessíveis surge, no caso dos surdos, para disponibilizar materiais pedagógicos nessa língua”, com isso, os computadores, notebooks, entre outras tecnologias assistivas no ambiente educacional são instrumentos que visa integrar e incluir o aluno surdo no acesso as informações, bem como, utilizar os instrumentos como mídias de aprendizagem.

Neste sentido, Valente (1991, p. 36), “defende a ideia de que o uso das TICs na educação resulta numa mudança que busca transformar a abordagem pedagógica como instrumentos eficientes no processo de transmissão de conhecimento”. Daí, portanto, os equipamentos tecnológicos das TICs além de transformar o ambiente educacional como um espaço estimulador, desenvolverá a curiosidade e potencializará o conhecimento do aluno surdo.

Conforme apontado por Penteado – Silva (1997, p. 45) “é possível perceber que alguns entraves no procedimento de lidar com as tecnologias apresentam implicações ao trabalho do professor”. Neste sentido, mesmo com as dificuldades presentes na escola com o uso das TICs, o professor exerce um papel fundamental na escola, utilizar os recursos tecnológicos para que possam gerar conhecimento, habilidade no manuseio dos instrumentos, bem como, garantir para o aluno o acesso às informações por meios dos equipamentos de tecnologia.

Ainda segundo Penteado – Silva (1997, p.45), “as mudanças na organização do espaço físico, na carga horária de trabalho, nas relações entre professor e alunos, no âmbito das emoções, na dinâmica da aula”. Portanto, o planejamento e as mudanças nas práticas de ensino são mecanismos essenciais para que o professor possa planejar e utilizar de forma

coerente os recursos tecnológicos no seu processo metodológico, buscando desenvolver no aluno uma aprendizagem espontânea e de forma coerente.

Para Gediel, Soares e Oliveira (2016, p. 246), “as TICs permite que o aluno adquira o conhecimento por meio dos recursos visuais o que possibilitará uma aprendizagem mais concreta, onde “permitem a interação em interface visual de forma mais ampla do que a partir de outros recursos tradicionais”. Na sala de aula, essas tecnologias podem ser exploradas no atendimento educacional especializado, pois “a partir do momento em que os professores as utilizam através das apresentações multimídias, da lousa digital, do *data show*, entre outros”, estão despertando no aluno o seu desenvolvimento visual-motor por meio das tecnologias na prática pedagógica (MIRANDA; MOURÃO; GEDIEL, 2017, p. 246)

Diante dos desafios e possibilidades, com o uso das tecnologias no contexto educacional, é possível perceber que o “uso dos instrumentos tecnológicos pode facilitar a interação e troca de informações entre o docente e aluno” (MIRANDA; MOURÃO; GEDIEL, 2017, p. 246), refletindo numa autonomia educacional, em que o professor deixa de ser apenas um transmissor de informação, passando a estimular nos alunos a desenvolver sua criatividade, habilidades e conhecimentos.

As tecnologias da informação e comunicação no atendimento educacional condicionará no fortalecimento do conhecimento, possibilitando o aluno a extrapolar o espaço de sala de aula, por meio de experiências concretas de acordo com a realidade estudada, para tanto, é imprescindível a realização de aulas práticas que garantam a exploração da experiência visual, além de diversos tipos de expressão artística.

No atendimento educacional especializado o aluno com surdez terá acesso aos conteúdos curriculares e a informações sociais, acompanhar o uso desses recursos em sala de aula, verificando sua funcionalidade, sua aplicabilidade e a necessidade dos recursos utilizados pelo aluno.

3 METODOLOGIA

Na pesquisa utilizamos como caminho metodológico uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, a qual utilizou-se de trabalhos já publicados como livros, artigos, dissertações, teses, revistas, dentre outros, com o intuito de refletir acerca das contribuições que o uso das TICs pode oferecer, ao professor de Libras que atua dentro das salas de recursos multifuncionais, no ensino da Libras como L1 para alunos surdos. Para isto, buscamos

identificar, na literatura, os recursos tecnológicos utilizados pelo professor de Libras, para o ensino da língua de sinais como L1 no atendimento educacional especializado ao aluno surdo, bem como, descrever os procedimentos metodológicos adotados pelo professor de Libras, no ensino da língua de sinais como L1, trabalhados com o aluno surdo na sala de recursos multifuncionais.

Desta forma, a pesquisa foi elaborada a partir do seguinte problema: como a formação do professor de Libras contribui para o uso das TICs no processo metodológico com o aluno surdo atendido na Sala de Recursos Multifuncionais? Qual a relevância dos recursos tecnológicos na aprendizagem dos alunos surdos? No entanto, apesar desse primeiro passo para educação de surdo, dado pela fundação do INES, consideramos importante mencionar que só anos depois, em 2002, a Libras foi reconhecida Assim, buscando responder às questões norteadoras, foram selecionados autores como: Damázio (2007), Kohn e Moraes (2007), Penteado-Silva (1997), Ropoli (2010), que discutem o teor do trabalho para o enriquecimento da abordagem em destaque, além de, uma seleção de trabalhos que deram aporte na construção do contexto desse artigo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se diante das reflexões expressas neste trabalho, onde constatamos que a formação do professor de Libras no uso das tecnologias no atendimento educacional especializado com o aluno surdo é de grande importância, pois, além de tornar a aula acessível, desenvolve no aluno a capacidade de ir além do que está sendo ensinado. Neste sentido, o ensino da Libras como L1 é um atendimento primordial para o surdo com a finalidade de adquirir a sua língua natural e por meio dela, evoluir no conhecimento e obter acesso a novas palavras de diferentes contextos.

A formação de professores de Libras é um item bastante relevante, pois a preparação deste profissional para saber lidar com o aluno surdo, por meio de metodologias e estratégias comunicativas, faz-se necessária para garantir uma educação de qualidade e de preparação desse aluno para a vida. Com isto, as práticas pedagógicas bem utilizadas, organizadas e preparadas, refletirão significativamente no processo de aprendizagem do aluno surdo. Desta forma, os profissionais terão que buscar meios que possam suprir suas necessidades e assim, aplicá-los no momento de atendimento de ensino de Libras, o AEE de Libras de forma planejada dentro do atendimento educacional especializado.

Esta reflexão se estende para o professor de Libras que, na sua docência, deverá ter compromisso e responsabilidade, buscando desenvolver capacidades e metodologias condizentes com uma prática que realmente favoreça a eliminação de barreiras que tanto impede o crescimento educacional dos surdos. Visto que, as tecnologias são instrumentos que favorecem na aprendizagem do aluno, despertam o interesse e desenvolvem habilidades e competências de conhecimentos.

É importante mencionar que o professor de Libras na sua atribuição poderá ministrar os conteúdos de forma dialógica e diversificada quanto ao uso de estratégias de ensino, por isso, é imprescindível aplicar estratégias que contribuam para a interdisciplinaridade e favoreçam o aprendizado da língua por meio das tecnologias. Portanto, juntamente com as metodologias de ensino nas aulas de Libras, onde as tecnologias digitais abrem espaço para novos horizontes e novas aprendizagens, também podemos salientar que a colaboração dos alunos no processo de aprendizagem da língua de sinais é de suma importância para a preconização do ensino.

As TICs como ferramentas que influenciam na aprendizagem do aluno surdo, sejam elas: a internet, o computador, notebook, softwares, jogos eletrônicos pedagógicos, aplicativos educativos, tradutores Libras- português (vice e versa), entre outros, são recursos que precisam está inseridos de forma mais intensa e executadas de forma coerente no processo de aprendizagem do aluno, bem como, ferramentas de ensino e como instrumento auxiliar nas disciplinas e aos conteúdos lecionados tornando-se indispensável, despertando no aluno o interesse, estimulando o desenvolvimento dos processos de ensino aprendizagem, de forma dinâmica, atrativo, interativo e adequado no contexto em que o aluno e o professore estão inseridos.

As tecnologias da informação e comunicação no atendimento educacional condicionará no fortalecimento do conhecimento, possibilitando o aluno a extrapolar o espaço de sala de aula, por meio de experiências concretas de acordo com a realidade estudada, para tanto, é imprescindível a realização de aulas práticas que garantam a exploração da experiência visual, além de diversos tipos de expressão artística.

No atendimento educacional especializado o aluno com surdez terá acesso aos conteúdos curriculares e a informações sociais, acompanhar o uso desses recursos em sala de aula, verificando sua funcionalidade, sua aplicabilidade e a necessidade dos recursos utilizados pelo aluno.

REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de Recursos:** espaços para atendimento educacional especializado. Elaboração de Denise de Oliveira Alves, Marlene de Oliveira Gotti, Claudia Maffini Griboski, Claudia Pereira Dutra. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Brasília, DF.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.** Brasília, DF.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação Especial na Educação Básica.** Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2011.

_____. Ministério da Educação. **Sala de Recursos Multifuncionais:** espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

COUTINHO, Denise. **Libras e Língua Portuguesa (semelhanças e diferenças) / Volume II / 3ª. Ed.** Denise Coutinho. João Pessoa: Ideia, 2015.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação. Educação Escolar da Pessoa com Surdez:** uma proposta inclusiva. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

FELIPE, T.A.; SALERNO, M. **Libras em Contexto:** curso básico – livro do professor. Brasília, 2001.

FERNANDES, João Carlos Lopes. **Educação digital:** Utilização dos jogos de computador como ferramenta de auxílio à aprendizagem. São Caetano do Sul: Fasci-Tech, 2010.

FREIRE, A. P. **Informática e as tecnologias na educação.** São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

GEDIEL, Ana Luísa Borba; SOARES, Charley Pereira; OLIVEIRA, Cristiane Lopes Rocha. O ambiente virtual como aliado no processo de ensino e aprendizagem da Libras. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 10, n. 16. Vitória: UFES, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KOHN, Karen; MORAES, Claudia Herte. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>. Acessado em: 11 jan. 2021.

MIRANDA, Isabela Martins; MOURÃO, Victor Luiz Alves; GEDIEL, Ana Luisa Borba. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) e os desafios da inclusão: a criação de aulas sinalizadas no contexto do ensino superior. **Rev Educação, Cultura & Comunicação**, v.9 n.1 jan-jun. Viçosa: UFV. 2017.

PENTEADO-SILVA, M.G. **O computador na perspectiva do desenvolvimento profissional do professor**. Campinas, 1997. Doutorado – Faculdade de Educação, Unicamp.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês da S. OLIVEIRA. Priscilla Roberta Gaspar de. NAKASATO. Ricardo V. **Libras** / Daniel Choi...[et al.]; organizadora Maria Cristina da Cunha Pereira. – 1. ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, R. M. **Libras**. Linguística para o Ensino Superior. São Paulo: Parábola, 2019.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: MEC, 2010.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Aspectos linguísticos da Libras**. Curitiba: IESDE Brasil, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Teoria e Prática: a educação especial**. João Pessoa: Graffiset, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

VALENTE, J. A. **Liberando a mente:** computadores na educação especial. Campinas – SP, Graf. Central da UNICAMP, 1991.